

## Organizadores

Alice Casanova dos Reis  
Aline Reis Calvo Hernandez  
Dolores Galindo  
Jaqueline TITTONI  
Lavínia Lopes Salomão Magiolino  
Luis Artur Costa  
Rodrigo Lages e Silva

# Psicologia Social em experimentações: arte, estética e imagem

### Coleção

*Práticas sociais, Políticas Públicas  
e Direitos Humanos*

### Coordenação

Ana Lídia Campos Brizola  
Andrea Vieira Zanella



**Coleção**

**Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos**

Coordenação

Ana Lúcia Campos Brizola

Andrea Vieira Zanella

**Vol. 6 Psicologia social em experimentações:  
arte, estética e imagem**

Organização

Alice Casanova dos Reis

Aline Reis Calvo Hernandez

Dolores Galindo

Jaqueline Tittoni

Lavínia Lopes Salomão Magiolino

Luis Artur Costa

Rodrigo Lages



ABRAPSO EDITORA



Florianópolis  
2015

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

P912 Psicologia Social em experimentações :  
arte, estética e imagem [recurso eletrônico]  
/ organizadores Alice Casanova dos Reis...[et  
al.] ; coordenadoras da coleção Ana Lídia  
Campos Brizola, Andrea Vieira Zanella. -  
Florianópolis : ABRAPSO Editora : Edições do  
Bosque CFH/UFSC, 2015.  
588 p.; il., grafs., tabs. - (Coleção Práticas  
Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos;  
v. 6)

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-86472-25-1

1. Psicologia social. 2. Arte. 3. Estética. I.  
Reis, Alice Casanova dos...[et al.]. II. Série

CDU: 159.9

**Diretoria Nacional da ABRAPSO 2014-2015**

**Presidente:** Aluísio Ferreira de Lima

**Primeiro Secretário:** Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

**Segundo Secretário:** Leandro Roberto Neves

**Primeira Tesoureira:** Deborah Christina Antunes

**Segunda Tesoureira:** Renata Monteiro Garcia

**Suplente:** Carlos Eduardo Ramos

**Primeira Presidenta:** Silvia Tatiana Maurer Lane (gestão 1980-1983)

**ABRAPSO Editora**

Ana Lúdia Campos Brizola

Cleci Maraschin

Neuza Maria de Fatima Guareschi

**Conselho Editorial**

Ana Maria Jacó-Vilela – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Andrea Vieira Zanella - Universidade Federal de Santa Catarina

Benedito Medrado-Dantas - Universidade Federal de Pernambuco

Conceição Nogueira – Universidade do Minho, Portugal

Francisco Portugal – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lupicínio Íñiguez-Rueda – Universidad Autonoma de Barcelona, Espanha

Maria Lúvia do Nascimento - Universidade Federal Fluminense

Pedrinho Guareschi – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Peter Spink – Fundação Getúlio Vargas

**Edições do Bosque Gestão 2012-2016**

Ana Lúdia Campos Brizola

Paulo Pinheiro Machado

**Conselho Editorial**

Arno Wehling - Universidade do Estado do Rio de Janeiro e UNIRIO

Edgardo Castro - Universidad Nacional de San Martín, Argentina

Fernando dos Santos Sampaio - UNIOESTE - PR

José Luis Alonso Santos - Universidad de Salamanca, Espanha

Jose Murilo de Carvalho - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leonor Maria Cantera Espinosa - Universidad Autonoma de Barcelona, Espanha

Marc Bessin - École des Hautes Études en Sciences Sociales, France

Marco Aurélio Máximo Prado - Universidade Federal de Minas Gerais

## Sobre a ABRAPSO

A ABRAPSO é uma associação sem fins lucrativos, fundada durante a 32ª Reunião da SBPC, no Rio de Janeiro, em julho de 1980. Fruto de um posicionamento crítico na Psicologia Social, desde a sua criação, a ABRAPSO tem sido importante espaço para o intercâmbio entre estudantes de graduação e pós-graduação, profissionais, docentes e pesquisadores. Os Encontros Nacionais e Regionais da entidade têm atraído um número cada vez maior de profissionais da Psicologia e possibilitam visualizar os problemas sociais que a realidade brasileira tem apresentado à Psicologia Social. A revista *Psicologia & Sociedade* é o veículo de divulgação científica da entidade.

<http://www.abrapso.org.br/>

## Sobre as Edições do Bosque

As *Edições do Bosque* tem como foco a publicação de obras originais e inéditas que tenham impacto no mundo acadêmico e interlocução com a sociedade. Compõe-se de um conjunto de Coleções Especiais acessíveis no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. A tônica da editoria é aproximar os autores do público leitor, oferecendo publicação com agilidade e acesso universal e gratuito através dos meios digitais disponíveis. A *Edições do Bosque* conta com a estrutura profissional e corpo científico do Núcleo de Publicações (NUPPE) do CFH/UFSC.

<http://nuppe.ufsc.br/>

**Revisão:** CCLI Consultoria linguística

**Editoração:** Spartaco Edições

**Capa e Projeto gráfico:** Spartaco Edições



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

## ***Apresentação***

# **Psicologia Social em experimentações: arte, estética e imagem**

Jaqueline Tittoni

As palavras me escondem sem cuidado.  
Aonde eu não estou as palavras me acham.  
Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.  
Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.

(Manoel de Barros, do Livro sobre o nada)

A palavra que nos orienta é preâmbulo, prima da palavra prefácio e com quem ela compartilha relações íntimas de familiaridade. Por relações de similitude, mais do que semelhança, preambular pode ser perambular, vaguear ou flunar no melhor sentido boudelariano, traduzido por Walter Benjamin na figura do flâneur - aquele que passeia pela cidade sem medo dos riscos que pode correr. Perambular, assim, é a palavra que poderá nos conduzir nesta leitura e é o convite que se faz neste preâmbulo. Evidente que as entrelinhas teóricas e as inovadoras propostas metodológicas em psicologia social também serão uma ótima opção para o percurso.

Feito o convite, vale apresentar a paisagem: trata-se de uma coletânea de textos apresentados em grupos de trabalho do XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, realizado na cidade de Florianópolis em 2013. Os Grupos de Trabalho são “Arte, Cidade e Experimentações metodológicas em Psicologia Social”; “Corpo, Arte e Clínica: experimentações metodológicas em Psicologia Social”; “Estética, afetividade e política”; “Mídia e psicopolítica”; “Psicologia social, arte e imagem no mundo contemporâneo”; “Ecologias Outras” e “Arte e Mídia”.

As temáticas trabalhadas pelos grupos compõem o campo da Psicologia Social como caminhos que se abrem, linhas que se bifurcam e que podem se desprender da sua própria estrutura. Ao desprender-se e desfiar-se, podem mostrar outros fios e deixa entrever outras composições e outros arranjos. Mostram-se como matéria bruta capaz de ser moldada e remodelada e que se abre sob uma força exterior à sua forma de disciplina, que lhe toma os fios e pode fazer-tecer outros tecidos, outros textos e outras tramas. A força que confere um corpo disciplinar, capaz para agenciamentos e lutas, também se deixa afetar pelos acontecimentos e se mostra capaz de desmanchamentos, desconstruções e invenções, tomando a coragem como instrumento para viver os perigos e as aventuras da incompletude e das descontinuidades. Na linha da discussão sobre a crítica ao estruturalismo e, por aí, toda uma crítica às noções de totalidade e de verdade, esta abertura vai delineando certos modos de pensar a Psicologia Social que, também eles, se abrem aos movimentos contemporâneos incertos e velozes e se deseja como crítica às subjetividades colonizadas, individualizantes e competitivas, típicas de um capitalismo concorrencial e informacional. A mídia, a cidade, a escrita, a imagem e o corpo são alguns dos temas que se enredam nestes fios, fazendo ver cenas que se montam e desmontam aos movimentos da luz, como as imagens que vamos criando a partir da leitura, das narrativas ou dos relatos propostos nesta coletânea. A leitura deste livro é uma experiência sensível, que nos provoca nas relações que estabelecemos com a cidade, com as formas de comunicação, com as visibilidades, com o trabalho, entre outros tantos. Existe muita vida aqui, que transcende as palavras, que transborda das experiências de trabalho e de produção de conhecimento, que se diz pelas suas próprias palavras, sem tradução necessária. Vida que se diz como pulsação de força, de luta, de guerra e de memória. Vida que se produz como inquietude, mais do que como verdade, que insiste como arte na luta contra as tecnologias políticas da vida ligadas ao biopoder e suas artimanhas de captura, visibilidade e controle. Vida, como *bíos*, que pode ser tomada como material para uma obra de arte e para a produção de uma vida bela. Pode-se ouvir, em suas entrelinhas, os lamentos das mães que convivem com o Coletivo Fila, o sofrimento das vítimas da ditadura militar, o som dos passos ágeis e velozes dos trabalhadores de agência de limpeza urbana do Rio de Janeiro e os rumores dos jovens com suas câmeras fotográficas a *clicar* a sua cidade. Uma experiência de intensida-

des é inevitável. Das memórias dos moradores de uma cidade costeira de Santa Catarina às relações que ligam peixes, pessoas e artes na cidade de Cuiabá vão sendo tecidas passagens que permitem inventar laços e criar outros percursos, como aqueles que propõem arranjos entre humanos e não humanos ou os que ligam memórias e histórias dos moradores da região aos processos de educação ambiental. Devires insetos, no espetáculo *Entorno*, também nos indicam as misturas entre espécies, enunciando que Delleuze foi um dos principais pesquisadores a indagar sobre estas relações. Ouve-se a algazarra das crianças na escola Piolin, na Paraíba, ou o silêncio que antecede a cena na produção de um curta-metragem pelos jovens de uma escola de nível médio. A mídia e suas tantas vozes, aparece através de análises da imprensa e da televisão, mostrando seus efeitos de subjetivação e de modelização tão presentes na vida cotidiana. Mostra-se em seu avesso, de certa forma, se considerarmos que a palavra *avesso* pode indicar, também, descontentamento e oposição. Pode-se ouvir os passos que percorrem as diferentes cidades brasileiras a sentir seus rumores, ouvir seus silêncios e capturar suas imagens fugidias que se refazem de forma diferente a cada dia ao interagir com nosso caminhar. É um livro para ouvir, tanto quanto para ler. Nos afeta e nos provoca para experiências de sensibilidade e quase sentimos o cheiro das palavras, e adivinhamos o gosto da palavra “sabor” ou a intensidade da palavra “pimenta”. As relações entre palavras e imagens também estão muito presentes, como “buracos” na linguagem,, ou como “flechas”, tal qual proposto por Michel Foucault na discussão com Magritte em *Isto não é um cachimbo*. Estas flechas são formadas por linhas de sensibilidade que não podem dizer tudo – “buracos” -, mas que se delineiam como arte e provocam experiências estéticas que transbordam da leitura ou de uma certa racionalidade científica. O teatro, a música, a dança e a fotografia que se fazem presente em vários estudos, fazem ver outras imagens e compõe outros textos e nos convidam a experimentar outras sensibilidades nas práticas de pesquisa, marcadas por experimentar a intensidade da presença. Philippe Artières (2004), ao tratar o trabalho de diagnosticar o presente proposto por Michel Foucault, lembra que passa, primeiramente por uma relação física com a atualidade, onde a presença é um dos instrumentos deste diagnóstico. Para ele, a presença é “um instrumento para medir o caráter intolerável do presente, um instrumento de luta para enfrentar, um instrumento de investigação, um instrumento de pensamento” (Artières



re, 2004, p. 33). Desta forma, trata-se de pensar não só o presente, mas o *estar* presente ou a presença, como instrumento que se deixa afetar e que faz o conhecer produzir-se entre as relações, inventado, aí, outros agenciamentos. Poderia, talvez, dizer de experiências ético-estéticas que, ao afirmar a singularidade, afirmam, também a liberdade como ética do viver, ou, como sugere Orellana (2008), como éticas de resistência, onde a liberdade pode ser pensada através das lutas contra as identidades que nos são impostas.

Perambulamos, então, através de relatos de pesquisas marcados por inquietações e reflexões que compõe o próprio pesquisar como uma invenção. O pesquisar, assim, pode mostrar-se como experiência que não se deseja idêntica ao viver, mas que pode compor seus movimentos, resistindo às forças de docilização das artes da vida. Pode mostrar-se, talvez, como obra capaz de singularidade e de invenção, dando lugar às artes e às experiências sensíveis que habitam, muitas vezes, o silêncio dos relatórios científicos, encobrendo a tagarelice e a polifonia que lhes dá corpo e vida.

Muitos encontros também acontecem aqui, de toda ordem. Hanna Arendt, Foucault, Deleuze, Bakhtin, Marx, entre outros tantos, sentam-se à mesa com o leitor, deixando ver a Psicologia Social como campo de multiplicidades não só de temas, como também de perspectivas teórico-conceituais. O consenso e a modelização não são objetivo destes encontros, mas a provocação e a produção a partir das ideias, dando fôlego a um pensamento que pode pensar a si mesmo, como nos sugerem Foucault e Delleuze. Este fôlego, o *pneuma* que Foucault trabalha como o vigor da vida, em seu seminário *A hermenêutica do sujeito*, sustenta uma produção vigorosa e dá vida a novos desafios em Psicologia Social. A história da ABRAPSO é uma história de desafios e inquietudes, que vai se configurando nas lutas contra as formas de dominação, de violência e de subordinação configuradas nos traçados de um modo capitalista de viver e produzir. Vai se configurando nos processos de problematização do conhecer tanto quanto do viver, tensionando as linhas frágeis que sustentam as formas de dominação e docilização contemporâneas. Muitos pesquisadores brasileiros escreveram esta história e são nossos múltiplos a cada narrativa que se sustenta nos pressupostos da Psicologia Social. Alguns com mais visibilidade que outros, mas todos compondo uma certa forma de pesquisar que se deseja ética e política e que se faz *presença* nos movimentos

que desestabilizam forças e que provocam as estratégias de legitimação e de dominação. Esta história se faz de multiplicidade e de encontros, de discussões e provocações, de construção e de desmanchamentos, de lutas e de movimentos e mostra que a diversidade é, sem dúvida, um grande trunfo da Psicologia Social que se sustenta na afirmação da diferença. Por ser diversa e múltipla, pode enfrentar os fascismos cotidianos pautados na uniformização do pensamento e dos corpos, da homogeneização das ideias e práticas e das subjetividades colonizadas. Para lembrar Michel Foucault (2014, p. 3), em *Por uma vida não fascista*, “prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade.” Por afirmar a diferença pode fazer *presença* nas lutas pela singularidade e contra as tantas formas de dominação, dando passagem aos acontecimentos, reconfigurando estratégias e inventando os próprios modos de lutar. Desta forma, não pode existir uma Psicologia Social, tampouco várias, mas agenciamentos que definem certas estabilidades na forma de campos, corpos, disciplinas, onde um “campo” pode definir-se como campo de experimentações e reflexões, vivências de tempos-espacos que se delinham de forma precária, cujas bordas que lhe conferem visibilidades são flexíveis e porosas, permeáveis as passagens, aos deslocamentos, aos movimentos. Estabilidades que se produzem ligando tempos e espacos, formas de institucionalização, que se vêem tensionadas pela insistência das utopias em seus devires libertários. Pensar é perigoso, já afirmavam Foucault e Delleuze, mas é também estratégico e pode funcionar como verdadeira máquina de guerra e, neste caso, máquina de guerra contra a homogeneidade das ideias que se mostram tanto nas práticas cotidianas, quanto aquelas mais visíveis na nossa sociedade. Pensar é perigoso, assim como abrir-se às sensibilidades quando a lógica do produzir-consumir nos toma na modelização de nossas experiências sensíveis, criando modelos de beleza, de felicidade, de sucesso. Assim, enfrentar as formas de dominação que agem para capturar, docilizar e modelizar as subjetividades é uma luta fundamental contra modos de viver que se fundamentam na negação da alteridade e não podem perceber que as práticas de liberdade não podem produzir efeitos de autonomia se coexistirem com formas de escravidão. Abrir estas superfícies porosas para experiências ético-estéticas é, assim, uma forma de luta contra a dominação que pode tramar outros fios na tessitura da vida

como obra e como arte. As linhas que ligam Psicologia Social, arte e mídia formam traçados já bem definidos e provocam diferentes bifurcações na discussão sobre a Psicologia Social. Estas linhas dão relevância às noções de movimento e processo, aos temas da subjetivação e das experiências e afirmam uma posição ética e política capaz de se aliar aos movimentos libertários, que tem a liberdade e a utopia como seus pressupostos. Estas linhas tênues se fortificam não pela sua espessura, mas pelo fortalecimento das tramas que criam tempos-espacos comuns, capazes de sustentar um desejo de aventurar-se em inventar outras Psicologias Sociais.

Para finalizar, retomemos o convite. Em meio às tantas aventuras propostas, a leitura de um bom livro como uma forma de perambular pelas experiências do pesquisar, por vezes, mostra-se como uma prática de resistência. Ou, pelo menos, mostra-se como uma forma de enfrentar uma certa ética utilitarista que ordena a produção de conhecimento em nossos tempos. Para enfrentar a velocidade, demorar-se na leitura, como é e foi necessário para muitas das produções aqui narradas. Demorar-se na experiência do pesquisar como é e foi para muitas das situações aqui descritas e deixar-se encharcar pela vida que pulsava nas relações que iam se delineando devagar. Demorar-se na escrita, buscando as palavras para escrever que pudessem fazer eco às falas e às suas intensidades. Buscar uma certa delicadeza que pudesse traduzir as vivências sem destituí-las de sua singularidade. Demorar-se um pouco na experiência, nas relações, na feitura das fotografias, na produção dos vídeos. Deixar vibrar a delicadeza da espera e deixar que brotem os detalhes ao olhar curioso para fazer frente aos prazos e às experiências pré-definidas no tempo demarcado cronologicamente. Manoel de Barros, no documentário *Só dez por cento é mentira* nos convida a estar à toa, pois “estar à toa é estar à disposição da poesia”. E vamos andando, porque já estou atrasada.

Porto Alegre, agosto de 2015